



FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS – FATECS
CURSO: COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO: JORNALISMO

JULIANA LOURENÇO DA SILVA MACEDO CARVALHO
2080637/9

O REFLEXO DA MÍDIA TELEVISIVA NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA EM FASE PRÉ-ESCOLAR

Brasília
2011

JULIANA LOURENÇO DA SILVA MACEDO CARVALHO

**O REFLEXO DA MÍDIA TELEVISIVA NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA EM FASE PRÉ-ESCOLAR**

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Brasília.

Orientador(a): Prof.^a Gláucia Magalhães.

Brasília

2011

JULIANA LOURENÇO DA SILVA MACEDO CARVALHO

**O REFLEXO DA MÍDIA TELEVISIVA NO DESENVOLVIMENTO DA
CRIANÇA EM FASE PRÉ-ESCOLAR**

Monografia apresentada como um dos requisitos para conclusão do Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário de Brasília.

Orientador(a): Prof.^a Gláucia Magalhães.

Brasília, junho de 2011

Banca examinadora:

Prof.^a Gláucia Magalhães
Orientadora

Prof.^a Cláudia Busato
Examinadora

Prof.^o Luiz Cláudio Ferreira
Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais, principais responsáveis por tudo o que sou. Ao meu irmão, grande incentivador para as minhas conquistas. Aos familiares e amigos, pelo apoio nas minhas decisões e por compartilharem momentos especiais. Aos professores, grandes mestres que me deram toda a base para começar a construir minha carreira, de forma digna e profissional.

AGRADECIMENTO

Pelo apoio integral, agradeço aos meus pais e ao meu irmão. À família e aos amigos, pela compreensão e incentivo durante os momentos dedicados ao desenvolvimento dessa etapa. À professora Gláucia Magalhães, pelo constante aprendizado e orientação.

RESUMO

A mídia televisiva é o meio de comunicação que atrai mais pessoas. No século atual, mesmo com os avanços tecnológicos, principalmente da internet, a televisão ainda ocupa lugar significativo no cotidiano da sociedade. Em relação ao público infantil, a televisão, junto com a família, a escola e o meio social, é considerada responsável por influenciar em suas falas e atitudes. Os personagens dos desenhos animados são vistos como exemplos para as crianças, que tendem a imitar a linguagem e as ações transmitidas por aqueles que elas mais se identificam. Nesse contexto, a educação infantil passou a considerar a mídia televisiva como instrumento de influência no desenvolvimento psicológico e social das crianças em fase pré-escolar (de três a sete anos). Educadores, pais e responsáveis buscam uma programação mais educativa, de modo que a criança possa ser direcionada a assistir programas com conteúdos adequados à faixa etária delas e isso se torne reflexo em seu processo de aprendizagem.

Palavras-chaves: educação, televisão, criança.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
1.1 Tema	7
1.2 Justificativa	7
1.3 Hipóteses	8
1.4 Objetivo Geral	9
1.5 Objetivos Específicos	9
1.6 Abordagem Metodológica	9
1.7 Estrutura do Trabalho	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1 Televisão: mídia de maior audiência social	11
2.1.1 TV por assinatura	12
2.2 Criança e Educação: a formação e desenvolvimento da infância	13
2.3 Televisão e Educação: o que o meio oferece	15
2.3.1 Programa educativo infantil: a participação da criança na televisão	18
2.3.2 Televisão e o imaginário da criança: o lúdico na evolução da personalidade	19
3 METODOLOGIA	21
4 OBSERVAÇÃO E ANÁLISE	22
4.1 O canal Discovery Kids	22
4.1.1 Desenhos	23
4.2 Observação de crianças	33
4.3 Entrevistas com mães	36
4.4 Síntese da análise	38
5 CONCLUSÃO	40
REFERÊNCIAS	41
APÊNDICES	44
ANEXOS	50

1. INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços tecnológicos da internet, a TV ainda é o meio de comunicação com maior alcance na sociedade e com o qual a criança mais se identifica. Quanto mais ausentes os pais na rotina diária e, quanto maior o isolamento, maior pode ser a influência da mídia sobre ela.

Os programas infantis, filmes e desenhos, por mais simples que sejam, passam informações que chamam a atenção da criança. Ela grava na memória as atitudes vistas e, provavelmente, irá repeti-las em alguma situação.

O Discovery Kids é um canal por assinatura de televisão. Com o foco na fase pré- escolar, a programação enfatiza a cultura popular infantil. Dentre diversas atrações está a definição de palavras, o ensino da língua inglesa (como palavras comuns ao cotidiano da criança é falada em inglês) e como lidar com o meio social (convívio dos personagens, relação de amizade). Desde os desenhos até os comerciais interativos, o foco é na compreensão da criança.

1.1 Tema

Com o intuito de verificar o reflexo da mídia televisiva no desenvolvimento da criança em fase pré-escolar, este trabalho busca analisar a influência da programação do canal Discovery Kids ao público infantil.

1.2 Justificativa

Conforme estudiosos, o desenvolvimento psicológico e social da criança é baseado, entre outros fatores, no que é visto na mídia, que, a cada dia, está mais presente no cotidiano infantil. Diante disso, a programação do canal Discovery Kids traz como objetivo o auxílio no processo educacional.

A pesquisa referente a essa influência na fase de alfabetização se faz relevante, especialmente, aos pais, professores e psicólogos. Mesmo cada um com o seu papel na educação e formação infantil, todos necessitam saber até que ponto os desenhos assistidos causam transformações nas atitudes, pensamentos e aprendizados da criança. É inevitável que ela não demonstre qualquer reação baseada no que viu de algum personagem que se identifica, por exemplo.

Devido ao fato de muitos pais trabalharem durante boa parte do dia, muitas vezes as crianças passam mais tempo em frente à televisão. Assim, há a

necessidade de selecionar o que deve ou não ser assistido pela criança. As atitudes dos filhos devem ser observadas, de forma que a mídia não seja o principal exemplo para eles.

Da mesma forma, os professores e psicólogos devem ficar atentos para que os desenhos e personagens de histórias não se tornem as referências de aprendizado e desenvolvimento para as crianças. Muitas vezes, a programação vista é refletida nas atitudes entre as crianças. As formas de falar e vestir são grandes exemplos da influência dos desenhos.

Por mais que nos programas sejam mostrados bons exemplos e assuntos educativos, é relevante que a criança não tenha total dependência do que assiste para se desenvolver psicologicamente e socialmente. No entanto, o contato com as atrações traz, de forma descontraída, a necessidade de se aprender, além de palavras e suas interpretações, o significado de atitudes do cotidiano da sociedade, como o modo de conviver bem com pessoas de diferentes culturas e personalidades.

A mediação daqueles que convivem diretamente com a criança é fundamental no contato com a mídia. A ênfase na importância de uma programação voltada ao ensino e não ao consumismo desenfreado, por exemplo, é o que torna a pesquisa relevante para quem lida com o universo infantil e suas peculiaridades, principalmente referente à educação.

1.3 Hipóteses

Pelo fato do Discovery Kids ser um canal voltado para crianças, principalmente na fase pré-escolar, a abordagem utilizada pelos programas é educativa e voltada ao que elas presenciam em casa e na escola. Com isso, a identificação do público infantil com os desenhos faz com que ela internalize o que é visto e, provavelmente, repita em algumas ocasiões. Como está em construção de personalidade, além dos brinquedos e roupas semelhantes, a criança costuma repetir a linguagem utilizada nos desenhos, o que pode auxiliar ou prejudicar no processo de alfabetização.

Além disso, algumas atrações trazem o ensino de letras e palavras. Esses programas ajudam no desenvolvimento da aprendizagem, visto que complementam o que é ensinado na escola e introduzem algo que possa ser desconhecido. Por

meio dos desenhos animados, a criança pode aprender de forma descontraída, sem perceber.

1.4 Objetivo Geral

O objetivo desta pesquisa é verificar a influência da programação do canal Discovery Kids no desenvolvimento psicossocial de crianças em fase pré-escolar.

1.5 Objetivos Específicos

- Observar a forma como os desenhos animados mais assistidos abordam temas referentes ao cotidiano da criança, como relação familiar, preconceito sociocultural e, principalmente, educação;
- Verificar a opinião dos pais sobre a programação televisiva em relação ao público infantil (especificamente do canal Discovery Kids) e, por consequência, de que forma a mídia influencia na educação;
- Analisar a forma como a criança assimila o que está assistindo e retransmite aos familiares e amigos, por exemplo;
- Conferir a importância e o papel da televisão na rotina das crianças.

1.6 Abordagem metodológica

O objeto de análise são desenhos animados do canal televisivo Discovery Kids, que possui ênfase na educação pré-escolar. O principal aspecto para observar foi a influência da mídia no desenvolvimento psicossocial infantil.

Além da análise da programação do Discovery Kids, o procedimento metodológico teve como base a observação de crianças em fase pré-escolar (três a sete anos). A convivência com as crianças poderá mostrar atitudes que, de alguma forma, são reflexo daquilo que assistem nos desenhos. A linguagem e os gestos utilizados pelos personagens dos desenhos serão considerados para comparar com as falas e atitudes das crianças observadas.

No entanto, devido à necessidade de saber como a programação de um canal infantil influencia nas crianças em processo de alfabetização, foi preciso, também, entrevistar pais ou responsáveis. Dessa forma, foi possível observar até que ponto a televisão é benéfica durante a educação infantil e como as crianças demonstram assimilar aquilo que assistem à realidade.

Como base para a formulação teórica, foram utilizados artigos científicos, reportagens e registros de especialistas na área educacional ou midiática. Esses documentos auxiliaram para compreender como a mídia mexe com o psicológico da criança, ao ponto de influenciar em atitudes relevantes da realidade infantil.

1.7 Estrutura do trabalho

Em um primeiro plano, apresenta-se o referencial teórico, onde os conceitos de televisão, criança e educação são explorados de forma individual e, depois, relacionados entre si. Após a apresentação do desenvolvimento do trabalho, descreve-se a metodologia com os critérios utilizados para fazer a apreciação do material pesquisado. No capítulo quarto, são feitas observações com base na apreciação dos desenhos, nas entrevistas realizadas com mães e nas crianças pré-escolares. Por fim apresenta-se a conclusão sobre o conteúdo analisado.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Televisão: mídia de maior audiência social

Bucci (1997, p. 9), ao falar da influência da televisão na sociedade, afirma que os espaços públicos são definidos pelos limites colocados por esse meio de comunicação. É ela que delimita os critérios de noticiabilidade e faz com que o público identifique a “realidade” naquilo que assiste. Conforme Bucci:

A televisão é muito mais do que um aglomerado de produtos descartáveis destinados ao entretenimento de massa. No Brasil, ela consiste num sistema complexo que fornece o código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros. Ela domina o espaço público (ou a esfera pública) de tal forma, que sem ela ou sem a representação que ela propõe do país, torna-se quase impraticável a comunicação – e quase impossível o entendimento nacional (BUCCI, 1997, p. 9).

Durante a abordagem sobre a importância da televisão, Maria Aparecida Baccega (2000, p. 102) traz o pensamento de Bechelloni que, relacionado ao tempo e dinheiro, afirma existir três tipos de mídia.

As velhas mídias (livro, periódico, filme), que custavam aos fruidores tanto tempo como dinheiro; as novas mídias (o rádio e a televisão), que custam aos fruidores apenas tempo, pois o acesso a elas é gratuito; e as novíssimas mídias (o videocassete, a TV a cabo, o *pay per view*, o computador), que trazem também para o fruidor um custo em tempo e dinheiro.

Segundo Baccega (2000, p. 102), diante da linguagem utilizada e do acesso gratuito, os meios de comunicação como o rádio e a televisão têm a capacidade de atingir todas as classes sociais. Esse fator, de acordo com a autora, fez com que esses veículos de comunicação se tornassem fontes de referência e, talvez, o recurso mais importante para o consumo cultural, visto que são neles que os fatos se tornam públicos.

Devido ao poder estabelecido com o público e de acordo com o artigo 221 da Constituição brasileira de 1988 (ANEXO A), a televisão precisa exercer o seu papel social dando “preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”. Além disso, como princípios básicos, as emissoras devem promover a

cultura nacional e regional; regionalizar a produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família.

No entanto, Wagner Bezerra (1999, p. 24) afirma que, apesar de citados nos princípios constitucionais, os programas direcionados à educação são minorias quando comparados as atrações voltadas ao entretenimento. Ele diz que a qualidade é o principal aspecto ao avaliar o papel social da televisão.

No mesmo contexto, de mostrar a influência da televisão na rotina das pessoas, Arlindo Machado (2000, p. 10) defende a existência de uma televisão de qualidade que, segundo ele, para isso é preciso pensar também em uma recepção de qualidade.

Pode-se amar a televisão sem necessariamente precisar fazer concessões a qualquer espécie de banalidade e sem correr o risco de se passar por ignorante. Tudo é uma questão de mudança de enfoque. Em lugar de prestar atenção apenas às formas mais baixas de televisão, a ideia é deslocar o foco para a diferença iluminadora, aquela que faz expandir as possibilidades expressivas desse meio.

Em artigo publicado no site Observatório da Imprensa, Bezerra (2006) compara a relação da televisão com seus telespectadores a um casamento com acordo de mútua fidelidade.

O problema deste tipo de matrimônio é a indissolubilidade da relação, pois, na prática, mesmo quando a gente desliga a TV ela continua "passando em nossa vida". Este fenômeno ocorre com todas as TVs, com toda a programação. Se a gente parar para pensar vai perceber que, por algum motivo, depois de desligados os aparelhos receptores, os conteúdos de fato ficam com a gente.

2.1.1 TV por assinatura

Na década de 40, a televisão por assinatura surgiu nos Estados Unidos. De acordo com Duarte (1996, p. 99), "a origem da TV a cabo americana está ligada à criação de sistemas de Antena de Televisão Comunitária (CATV, na sigla em inglês) para resolver problemas de má recepção de sinais".

O conceito do cabo, como uma fonte de programação multicanal e, portanto, como um competidor das redes de TV tradicionais, foi

desenvolvido nos anos 70, por meio de muitas batalhas de opinião pública (DUARTE, 1996, p. 101).

Conforme Duarte (1996, p. 102), “a vitória de mercado veio com a introdução dos canais exclusivos do cabo, distribuídos nacionalmente via satélite, transformando o cabo numa fonte alternativa de televisão”. Filmes, documentários, notícias, desenhos animados, dentre outros, passaram a ter programações exclusivas em canais de 24 horas. O uso da TV a cabo é a possibilidade dos telespectadores escolherem as emissoras que desejam assistir.

No Brasil, as primeiras transmissões de televisão por assinatura surgiram no final da década de 80. Após a publicação da portaria nº 250 do Ministério das Comunicações, em 13 de dezembro de 1989, a TV a cabo foi introduzida no país. Dentre as primeiras programações estavam a CNN, com notícias 24 horas por dia, e a MTV, com videoclipes musicais.

Em 6 de janeiro de 1995, foi promulgada a Lei nº 8.977, que dispõe sobre o serviço de TV a cabo. De acordo com o artigo 3º da lei, a televisão por assinatura destina seus serviços a: “promover a cultura universal e nacional, a diversidade de fontes de informação, o lazer e o entretenimento, a pluralidade política e o desenvolvimento social e econômico do país”.

2.2 Criança e Educação: a formação e o desenvolvimento da infância

A psicopedagoga Martha Senfft (apud NUNES, 2003, p. 13) traz a mudança de opinião sobre a criança e seu papel na sociedade.

O conceito a respeito da criança e a da infância mudou muito durante a história. Ela já foi considerada um ser inferior; uma tabula rasa; um peso para a família; importante para a família como força de trabalho; submissa ao estado; símbolo da maldade e do pecado e, portanto, devendo ser punida para ter um crescimento adequado e uma boa personalidade, postura esta que justificaria o castigo físico como método educativo, etc.

No entanto, de acordo com Martha, a visão da infância começou a mudar a partir do século XIX, com a criação de estudos e sociedades voltadas à prevenção da criança. Exemplo disso é a Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (ANEXO B), que

dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e determina outras providências acerca da proteção integral de pessoas até os 18 anos de idade.

A respeito da aprendizagem infantil, Nunes (2003) diz que, devido à atenção voltada para tudo que acontece, as crianças precisam ser incentivadas por fatos atrativos saudáveis e educativos. Segundo ela:

As crianças, em geral, aprendem com muita facilidade. Têm olhos e ouvidos que registram tudo, armazenando conhecimentos, assimilando fatos, aprimorando suas experiências ao longo de seu desenvolvimento (NUNES, 2003, p. 23).

Nunes afirma, também, que o entendimento da criança parte dos sentidos. “A criança, mesmo sem saber compreender frases inteiras ou sequer ler, utiliza os sentidos para explorar o que existe a seu redor” (2003, p. 80). Ela diz que a descoberta do mundo real parte de acontecimentos bons e ruins que a criança presencia. Os conhecimentos sociais são construídos por meio de interações significativas com diferentes pessoas e instituições.

Cicília Peruzzo (1998, p. 3) analisa a educação por meio da comunicação. Para ela, “educação significa educar para a sociedade”.

É a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado, o saber sobre os meios de obter o conhecimento e as formas da convivência social. É também educar para a convivência social e a cidadania, para a tomada de consciência e o exercício dos direitos e deveres do cidadão (PERUZZO, 1998, p.3).

Em consonância com Peruzzo, Maria Aparecida Baccega (2000, p. 95) afirma que a formação do cidadão crítico, atribuída à educação, torna-se cada vez mais necessária.

A educação é um processo social, no qual imergimos ao nascer. É no processo de educação, sobretudo por meio da palavra, que 'recebemos' as análises da realidade feitas pelas gerações anteriores, os comportamentos, os estereótipos, os modos de ver e pensar.

2.3 Televisão e Educação: o que o meio oferece

“Junto com a família e a escola, a televisão pública, instruindo as crianças fora da escola, vem a ser a terceira instituição educacional” (SPRING apud HILTY, 2001, p. 110).

Eduardo Elias (2002, p. 47) questiona as necessidades da criança, com base na opinião de quem cria a programação infantil das emissoras televisivas. “Criança precisa de natureza, de espaço para correr, brincar e deixar a imaginação à solta. Não pode ficar tempo demais diante da TV”.

Enfatizando a preocupação de pais e educadores, Bucci (2000) destaca que a televisão é a responsável por monopolizar a informação. Segundo ele, o telespectador é comparado a um prisioneiro, visto que é influenciado pelo imaginário que a TV coloca em circulação.

Há cerca de 40 milhões de lares com televisão no Brasil, o que corresponde a quase 90% do total. Isso, para uma população que lê pouco, dá à TV uma condição de monopólio da informação, ou seja, a TV monologa sem que outros meios lhe façam contraponto. (...) De acordo com Grupo de Mídia de São Paulo, com base em pesquisa do Instituto Marplan Brasil, 98% da população entre 10 e 65 anos vêem TV pelo menos uma vez por semana e, sozinha, a TV atrai duas vezes mais público do que todos os meios impressos, aí computados também os livros, além de jornais e revistas (BUCCI, 2000, p. 9).

Bucci (2000, p. 10) afirma, também, que "a importância da TV no Brasil é desproporcional em relação aos outros meios". Ele questiona o fato de que, se as crianças passam mais horas diante da TV do que em sala de aula, como seria possível pensar em um processo educacional sem considerar a influência dos meios de comunicação.

A partir disso, Baccega (2000, p. 95) diz que "a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo-se tornado um importante agente de formação". A autora destaca que o meio de comunicação leva vantagem diante dos demais agentes, visto que a linguagem televisiva é mais rápida e está diretamente voltada ao cotidiano. Ela justifica o fato, por exemplo, do tempo de exposição das crianças diante da televisão ser,

geralmente, maior do que aquele voltado para a escola ou convivência com familiares.

Para Baccega (2000, p. 98), os meios de comunicação (televisão, rádio, jornais, revistas, internet, entre outros), aliados à escola, família e outros agentes de socialização, ocupam lugar privilegiado no processo educacional. Retratam a realidade por meio de fatos editados, que selecionam o que deve ser visto, ouvido ou lido pelo respectivo público. No entanto, a autora relata a necessidade do público ter conhecimento da realidade a que pertence, de forma que não a confunda com os fatos transmitidos e saiba selecionar informações e “interrelacionar conhecimentos”.

Bezerra (1999), em consonância com a reflexão de Maria Aparecida Baccega, aborda a educação nas emissoras televisivas. Ele afirma que os programas das emissoras ditas educativas, assim como os demais programas de outras emissoras, interferem na educação dos telespectadores.

Todas as TVs, toda a programação, todas as emissoras, educam sim. Sem distinção, todas são educativas. O que pode e deve variar é o conteúdo de cada proposta, de cada programa, de cada emissora. Ou seja, uns preferem os estereótipos multicoloridos, e felizmente outros optam pela história, cultura, tradições, arte (BEZERRA, 1999, p. 114).

Conforme pesquisas realizadas pelo Ibope em 2003, as crianças assistem não só aos programas infantis. Devido a esse fator, Flávio Ferrari, diretor executivo do Ibope Mídia, alerta aos pais, professores e responsáveis pelas programações televisivas quanto à necessidade de regular o que o público infantil pode ou não assistir. “As crianças assistem praticamente tudo e, de alguma forma, estão elaborando o que assistem. Compete aos responsáveis decidir o que fazer com essa informação” (FERRARI apud BEZERRA, 1999, p. 116).

No entanto, segundo o artigo 76 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que trata do Estatuto da Criança e do Adolescente, a responsabilidade pelo que o público infantil assiste também está nas emissoras. “As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”. Dessa forma, o artigo estipula também que “nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição”.

Além disso, de acordo com a Constituição Federal de 1988, o papel social da televisão deve dar “preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”. As emissoras, como princípios básicos devem promover a cultura nacional e regional; respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família; entre outros.

A partir da discussão sobre o que deve ou não ser transmitido ao público infantil, Bezerra (1999) traz a orientação da ambientalista Célia Dias para que as crianças tenham contato apenas com programas voltados para a faixa etária pertencente.

O primeiro contato que as crianças têm com a imagem é fundamental, pois elas fixam determinados padrões. O que você apresenta para os seus filhos é muito importante. Os pais são na verdade os grandes formadores de opinião (DIAS apud BEZZERA, 1999, p. 119).

De acordo com Célia Dias, se os responsáveis selecionam atrações de qualidade e educativas nos primeiros contatos da criança com a imagem, eles estarão contribuindo para formar um telespectador crítico, que sabe distinguir as programações e escolher o que deseja assistir. Caso contrário, se a televisão for compreendida como mero entretenimento, eles estariam se omitindo do dever de educar e transferindo esse papel para os personagens televisivos.

Assim como Célia, a educadora Rosa Crescente (2002) acredita que a escolha dos programas aliada à relação do divertimento com a educação é favorável. Segundo ela, “criança não vê desenho como assiste a um filme: eles sabem que se trata de uma fantasia e não se deixam influenciar por isso” (CRESCENTE apud ELIAS, 2002, p. 49).

Arnaldo (2002, p. 439) comenta que, às vezes, “tem-se a sensação de que há uma oposição entre mídia e educação; que a mídia não é o meio mais apropriado para educar, que ela não desempenha nenhum papel na educação”. Segundo ele, muitas pessoas não compreendem que as crianças passam mais tempo diante da TV do que fazendo exercícios escolares ou qualquer outra atividade diária.

Entretanto, Arnaldo alerta para a necessidade das crianças serem orientadas a respeito do que sabem sobre a mídia e como elas podem desenvolver a consciência crítica própria do que é transmitido pelos meios de comunicação. Conforme o autor, a maioria dos estudos realizados por ele enfatiza que a criança

tem uma abordagem ativa da mídia. “Elas abordam a mídia com sua 'história pessoal', com as 'construções sociais' que cultivaram na família, na comunidade e em seu ambiente jovem” (2002, p. 448).

2.3.1 Programa educativo infantil: a participação da criança na televisão

Em 1967, a Comissão Carnegie sobre a Televisão Educativa recomendou o uso da programação infantil na TV como um “meio de reforma social” (SPRING apud HILTY, 2001, p. 112).

Os programas de televisão pública deveriam dar grande atenção às necessidades educacionais informais das crianças da pré-escola, particularmente para interessar e auxiliar crianças cujo preparo cultural e intelectual poderia ser, caso contrário, menos que adequado.

No entanto, Beth Carmona (2002, p. 331), ex-diretora de programação da TV Cultura, critica que as crianças brasileiras sempre foram vistas como consumidoras pela televisão. “Os programas produzidos para elas estavam, invariavelmente, mais preocupados com os interesses comerciais do que os aspectos sociais ou educacionais”. Carmona, contudo, explica que a televisão também atraiu experiências mais conscientes e educativas. Segundo ela, a participação real das crianças na televisão é vista quando a busca pela qualidade prevalece durante as produções.

Programas que combinem criatividade, educação e entretenimento e que respeitem a inteligência das crianças são desafiadores e, conseqüentemente, agradáveis. Tal participação vai até onde criadores e produtores conseguirem entrar no universo infantil, contribuindo para maior aprendizagem e estímulo da curiosidade (CARMONA, 2002, p. 333).

Assim como Carmona, Hilty (2001, p. 113) diz que, com a primeira produção de Vila Sésamo em novembro de 1969, ocorreu “o nascimento de uma programação infantil que marcou o início de uma revolução nessa área”. A identificação com os personagens dos programas educativos infantis definia as interações sociais e os assuntos a seres abordados.

O teórico J. Healy, dentro da discussão de Hilty, discorda da vantagem de os programas mais populares serem os favoritos tanto de crianças quanto de adultos. Segundo ele, pais com boas intenções absorvem seriamente o ditado de que determinado programa ajuda as crianças a aprender.

Os pais acreditam que esses programas são educativos e, por essa razão, preferíveis a outros programas infantis, e as crianças normalmente parecem gostar da extensa fila de personagens e experiências que elas encontram nesses programas, mas a pergunta essencial permanece sem resposta: o que as crianças realmente captam desses programas? (HILTY, 2001, p. 113).

Como exemplo de programa infantil que atrai a atenção das crianças, Hilty cita *Barney e seus amigos*, exibido no canal Discovery Kids. Por meio do formato educativo, a série “inclui elementos que são potencialmente relevantes para um programa geral de preparo de pré-escolares para uma efetiva disponibilidade escolar” (SINGER e SINGER apud Hilty, 2001, p. 114). Segundo Hilty, crianças pequenas são atraídas pelo que o personagem principal do desenho representa: a fantasia junto a características relacionadas ao afeto com o próximo, por meio de uma linguagem simples e direcionada ao público infantil.

2.3.2 Televisão e o imaginário da criança: o lúdico na evolução da personalidade

Pacheco (1998) enfatiza que a produção cultural para a infância requer a compreensão do que seja uma criança. Ou seja, a forma de pensar, sentir, perceber e representar o que acontece no cotidiano.

Conhecer a criança é pensá-la não apenas numa perspectiva evolutiva e etária. Conhecer a criança é pensá-la como um ser social determinado historicamente. Conhecer a criança é pensá-la interagindo dinamicamente, influenciando e sendo influenciada. Conhecer a criança é pensá-la como um ser de relações que ocorrem na família, na sociedade, na comunidade. É conhecê-la em casa, na escola, na igreja, na rua, no clube, em seus grupos sociais, nas “peladas”, enfim, em todas as suas atividades (PACHECO, 1998, p. 32).

Márcia Leite (1998) questiona a passividade do telespectador diante da televisão. Ela afirma que tal fator incomoda professores, psicólogos e psicanalistas quando abordados sobre a influência da TV na educação.

A mídia afeta os sentidos? O que é concreto e abstrato na vida das crianças, considerando aquilo que assistem na TV? A televisão propicia uma zona de desenvolvimento proximal? E a imaginação e o imaginário, como ficam? (LEITE, 1998, p. 104).

Arthur Távola (1998, p. 48) diz que “as crianças usam a TV como uma das fontes de onde extraem material para organizar e interpretar suas experiências vividas”. Segundo ele, “as crianças se prendem a cenas que descrevam processos nos quais podem participar”. Ou seja, as vontades das crianças são transmitidas por meio das imagens que assistem. Távola alerta, ainda, para a relevância de uma análise sobre os conteúdos televisivos:

Deixo a todos a reflexão sobre a importância de uma leitura crítica e uma ação sobre realizadores de televisão, no sentido de que eles possam compreender o quanto a TV pode fazer nessa área. Infelizmente temos assistido a um processo de adulteração dos horários da TV, em que os próprios programas infantis hoje existentes nada buscam a não ser formar consumidores infantis, posto que seus apresentadores estão envolvidos na indústria do consumo, sem a mínima preocupação com a cultura do país (TÁVOLA, 1998, p. 49).

Assim como Távola, Ulla Carlsson e Cecilia V. Feilitzen (2002) analisam como ocorre o acesso da criança à mídia. Segundo elas, a forma como jovens e crianças se relacionam com a mídia de massa é um fenômeno cultural, que atrai pessoas de todos os lugares diante de um mesmo objetivo: assistir determinado conteúdo televisivo.

No entanto, para delimitar a programação ideal ao público infantil, Anna Home (apud CARLSSON; FEILITZEN, 2002, p. 463), diretora de programas destinados às crianças, traz uma carta sobre a televisão infantil (ANEXO C). Dentre os aspectos citados pelo documento, "as crianças devem ter programas de alta qualidade, feitos especialmente para elas e que não as explorem".

3. METODOLOGIA

A pesquisa, devido ao assunto abordado e às observações necessárias, foi de caráter qualitativo. Esse formato é definido, dentre outros conceitos, pela necessidade de compreensão de um grupo de pessoas, no caso deste estudo, as crianças em fase pré-escolar. O método teve, como um dos objetivos, que justificar o motivo pelo qual a mídia atrai tanto a atenção das crianças.

Os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador (GOLDENBERG, 2001, p. 53).

Para a eficácia na realização deste trabalho, foram feitas pesquisas documentais de artigos, reportagens e registros de especialistas ou estudiosos na área de comunicação e educação, como Bia Rosenberg (2008), Elza Dias Pacheco (1998), Cecilia Von Feilitzen e Ulla Carlsson (2002).

Com a finalidade de verificar o que a programação traz para atrair o público infantil, como utilizam a linguagem e quais os temas explorados, foi realizada uma observação acerca da programação do canal Discovery Kids. Com ênfase em quatro desenhos animados (*Word World; Sid, o cientista; Lazytown; Meu Amigãozão*), a análise ocorreu diariamente, durante o período de uma semana, de 4 a 8 de abril, às 8h30, 9h30, 10h30 e 22h30, respectivamente.

Para verificar a forma como percebem a influência da mídia, especificamente dos desenhos animados, na criança, como ela assimila o que assiste à realidade e até que ponto a televisão é benéfica no processo de educação, foram realizadas também entrevistas semi-estruturadas com quatro mães de crianças em fase pré-escolar. Por fim, três crianças, com idades de 3, 4 e 5 anos, foram observadas a fim de analisar como elas reagem enquanto assistem aos desenhos. A linguagem e os gestos utilizados pelos personagens foram considerados para comparar com as falas e atitudes das crianças.

4. OBSERVAÇÃO E ANÁLISE

4.1 O canal Discovery Kids

Conforme dados do Ibope acerca dos canais por assinatura mais vistos por todos os públicos e só pelos adultos em 2010, o Discovery Kids ocupou a primeira e a segunda posição, respectivamente. A audiência média por minuto atingiu 22.463 pessoas com mais de 18 anos e 36.330 pessoas de todas as idades, a partir de quatro anos. A relevante audiência do canal pode estar relacionada ao fato de pais e responsáveis assistirem à programação junto às crianças, com o objetivo de contextualizá-las com programas educativos e adequados à faixa etária delas.

Com foco na fase pré-escolar, o Discovery Kids foi fundado em 1996. Uma das estratégias para atrair o público infantil é o cachorro Doki, mascote do canal. Ele apresenta a programação do dia, ensina as horas, narra histórias e participa de todos os intervalos. Este, assim como os demais personagens dos desenhos, tem a função de criar vínculo com as crianças, de forma que elas se identifiquem com suas falas e atitudes. Outra estratégia para chamar a atenção das crianças é o toque de um som comum, que destaca o começo de uma nova atração.

A ênfase em programações educativas, valorizando a cultura infantil e considerando o desenvolvimento psicológico e social, é, talvez, o maior objetivo do canal. Dentre diversas atrações, traz a definição de palavras, ensino da língua inglesa, cores, números, sons, consciência ambiental e como conviver com outras pessoas. A exibição de acontecimentos reais em forma de desenhos animados, a descoberta do que ocorre no mundo acontece de forma proporcional à necessidade de conhecimento das crianças.

Dividida em três blocos, cada atração dura 30 minutos. Além de algumas propagandas de roupas e sabonetes, por exemplo, os intervalos contam com a programação do canal, definição dos próximos desenhos, campanhas educativas (como o dia da Terra, em que todas as atrações dos dias 18 a 22 de abril de 2011 foram voltadas para a preservação do meio-ambiente), dentre outros.

4.1.1 Desenhos

A) Word World

O desenho estreou no Brasil em meados de 2010. Ganhador de três Emmy, premiação atribuída aos melhores programas televisivos mundiais, em 2008 como melhor concepção de título principal e em 2009 como melhor programa infantil animado e melhor argumento de animação, o desenho tem como objetivo ensinar inglês de forma descontraída. Além do estímulo à leitura e construção das palavras, a atração familiariza as crianças com uma segunda língua e faz com que elas conheçam o que as palavras representam no mundo concreto.

A cada episódio, duas palavras são ensinadas ao público infantil. Os personagens são formados pelas letras dos seus nomes em inglês. Duck, o pato; Sheep, a ovelha; Frog, o sapo; Pig, o porco; e Bear, a urso. Eles enfrentam novos desafios e aprendem a resolvê-los por meio das letras, que formam as palavras e estas se transformam nos objetos desejados.

Data	Descrição
04 de abril	<p>No episódio "Duck e a festa do pijama", o desenho ensina a palavra "cama" em inglês (<i>bed</i>). O sapo tenta convencer o pato de que a cama é tão confortável quanto o ninho. Durante uma festa organizada pelo cachorro, o pato percebe que o ninho, "apesar de macio e fofinho", não tem as mesmas características da cama, como poder pular em cima dela.</p> <p>No segundo episódio, "um chapéu para todos", a palavra ensinada é "chapéu" (<i>hat</i>). Durante o episódio, o chapéu é de mágico para a ovelha, cozinheiro para o porco e helicóptero para o pato. A ovelha diz que todo chapéu é formado pelas letras H, A e T e, portanto, pode se transformar no chapéu que desejarem.</p>
05 de abril	<p>Em "a dança do dog", os personagens se preparam para tocar em um concerto. Todos os instrumentos são criados juntando as letras que formam seu nome em inglês. A abelha e o zangão criam um violão, a</p>

	<p>ursa tem uma corneta, a ovelha monta uma guitarra e a formiga constrói uma tuba, mas o cachorro não consegue tocar nenhum instrumento. No entanto, pelo ritmo dele, a ursa tem a ideia de montar um tambor para ele, que consegue tocar dançando em cima.</p> <p>No segundo episódio, "banquete ao luar", o porco prepara a comida para o banquete, mas não consegue continuar por estar resfriado. O pato, no meio do preparo, monta uma corneta e percebe que tem o mesmo som de outras palavras. O narrador explica que isso se chama rima e o pato, junto com a formiga, brinca em combinar palavras enquanto montam o banquete.</p>
06 de abril	<p>No episódio "Frog e a banda", o sapo ouve no rádio que haverá concurso de bandas e sonha em ter a sua. Ele vê que as abelhas ensaiam, criam melodias, mas precisam de ajuda com as letras. O sapo, então, ensina sobre as rimas e canta alguns exemplos. As abelhas percebem que está na hora da apresentação e vão para a rádio. Lá, o grupo "Dog e os uivadores" cantam e, em seguida, o grupo das abelhas. Elas convidam o sapo para tocar com elas, criam o sino (<i>bell</i>) para ele e todos tocam, realizando o sonho de Frog.</p> <p>No segundo episódio, "forma-palavra", eles brincam de criar palavras com as letras (<i>boné = hat</i>; <i>buraco = pit</i>). No meio da brincadeira, o porco e a formiga se desentendem e a ovelha tenta fazer com que eles peçam desculpas. Eles não conseguem mais criar palavras, pois a formiga só tinha vogais e o porco, consoantes. O narrador explica que, para formar uma palavra, é preciso vogal e consoante. A ovelha tem uma ideia: ela informa no rádio sobre uma competição de formar palavras. Na disputa, eles percebem que precisam se unir para vencer e a ovelha diz que só falta uma palavra, "desculpe". Eles reconhecem o erro e fazem as pazes.</p>
07 de abril	<p>No episódio "a seca de W", o dia está quente e todos querem água. A ovelha rega as plantas, o cachorro mata a sede e a ursa toma banho. A água acaba e o sapo acha que eles estão enfrentando uma seca. Eles percebem que está faltando a letra W para formar a palavra <i>water</i></p>

	<p>(água, em inglês) e, assim, voltar a ter água. Os amigos vão até a montanha para saber aonde a água nasce e descobrem que o pato estava retirando todos os Ws da palavra <i>water</i> que descia pela cachoeira. Eles jogam os Ws na cachoeira, completam as palavras e a água volta, para todos se refrescarem novamente.</p> <p>Em "a princesa Sheep", a ovelha e a urso brincam de serem princesas. A urso cria a palavra <i>crown</i>, coroa em inglês. A ovelha diz que falta o vestido de princesa e a urso o faz formando a palavra <i>gown</i>. No entanto, a ovelha, que está sendo a princesa, esquece que a urso também quer brincar e está esperando sua vez. A ovelha diz que, se a urso construir a torre da princesa, ela poderá usar a coroa. A urso forma a palavra <i>tower</i>, mas a ovelha que sobe na torre. A urso desiste de brincar e a ovelha percebe que não foi generosa com ela, pede desculpas à Bear e a entrega a coroa para brincar. A ovelha pergunta qual o pedido dela e a urso ordena que elas e o cachorro brinquem o dia todo juntos.</p>
08 de abril	<p>No episódio "o dia da rádio leitura", a formiga encerra seu programa de rádio e lembra que no dia seguinte haverá a rádio leitura. O sapo ouve e diz que precisa se preparar para ler bem na rádio. O pato pede para o sapo ler um livro e eles formam a palavra <i>book</i>, livro em inglês. Duck pede que o sapo leia esse livro, que é o seu favorito, no rádio e Frog aceita. No dia seguinte, cada um lê o seu livro favorito no rádio. No entanto, o pato pressiona tanto o sapo para ler bem, que ele acaba enrolando a língua. Eles pedem ajuda à urso, que sugere que o pato substitua o Frog. Os amigos o encorajam, dizendo que não precisa ler para olhar as figuras e contar a história e Duck corre para a rádio. Lá, o livro cai e ele não sabe formar a palavra, mas a formiga e o cachorro o ajudam. O pato, então, conta sua história preferida, de acordo com as figuras do livro.</p> <p>Em "robôs ao resgate", o sapo recebe uma encomenda. Ele junta as letras e forma a palavra <i>robot</i>, robô em inglês. Frog pergunta ao robô se ele pode ajudar a limpar a casa e, rapidamente o robô limpa tudo. O sapo vai com o robô até a casa da urso. Lá, eles acham uma letra S e percebem o poder dela ao juntá-la com a palavra <i>bed</i>, formando duas</p>

	camas. Os amigos seguem para a casa do porco e criam várias pizzas, colocando o S no final da palavra. No entanto, eles não conseguem controlar a quantidade feita e os amigos ficam presos em cima da pilha de pizzas. Frog diz que precisaria de mais robôs para resgatar os amigos e tem a ideia de colocar a letra S no final da palavra <i>robot</i> tendo, assim, vários robôs para salvar seus amigos. Depois de resolver todos os problemas com a letra S, o sapo conseguiu descansar.
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

B) Sid, o cientista

Com o objetivo de estimular a fala e o pensamento de crianças com idade pré-escolar, o desenho utiliza música e humor para atrair a curiosidade sobre a ciência. O personagem principal, Sid, é um menino de cinco anos conhecido pelo seu jeito observador e curioso, "um menino que quer saber tudo sobre tudo que existe". Ele inicia cada episódio com um questionamento e, a partir disso, os personagens buscam formas de investigar e desvendar o assunto, a fim de encontrar a resposta correta e uma lição de aprendizagem.

A frase que caracteriza o desenho é "observe, compare e contraste". Os personagens buscam a compreensão de coisas relacionadas à ciência, até então desconhecidas. Além disso, mostram a importância de fazer as coisas corretas, como cuidar da natureza, usar cadeirinha de segurança no carro, entre outras.

Data	Descrição
04 de abril	Sid quer um robô "mega chip com superturbo", mas só ganhará se completar sua tabela de atividades. Ele quer saber para que serve a tabela e pergunta aos seus amigos e à professora, que utiliza a lista de presença para explicar o que são as tabelas e os leva ao laboratório para desenharem o lanche que levaram para montar a "ficha de lanches". Ela explica que a lista de presença e os lanches podem ser informações para uma tabela, que também é uma ferramenta dos cientistas. A professora canta uma música que resume o que é tabela.

05 de abril	<p>No episódio, Sid percebe que os seus tatus são bem pequenos e quer saber como eles conseguem andar. Durante o café da manhã, o pai de Sid explica sobre os insetos e a mãe entra no computador para ver como os outros insetos se locomovem. O pai dá uma missão para Sid: observar como os tatus andam e depois contar para eles.</p> <p>Na escola, Sid pergunta aos seus amigos sobre os animais bem pequenos. Ao perguntar à professora sobre como os tatus fazem para andar, ela lhe mostra uma lupa, "instrumento científico que faz as coisas parecerem maiores". De volta para casa, Sid conta o que aprendeu e explica como os tatus andam.</p>
06 de abril	<p>Sid começa o episódio querendo descobrir quantas conchas do mar tem em seu pote. Ele pergunta a sua mãe porque ela não conta quantos cereais coloca no prato no café da manhã. Ela explica que coloca uma quantidade que acha necessária.</p> <p>Na escola, ele pergunta aos amigos quantas conchas tem no pote. Sid faz uma tabela sobre os palpites dos amigos. Na sala de aula, a professora pede que cada um pegue seu pote para fazerem adivinhação. Ela explica que tentar adivinhar a quantidade de alguma coisa, chama-se estimativa, o que os cientistas costumam fazer. A professora pede que cada um pegue 10 objetos e some com o que resta no pote. Em seguida, pegam todos os objetos para somá-los. A estimativa de cada um se aproximou com a quantidade real de objetos no pote. A professora sugere, então, que cada um faça novas experiências brincando de estimativas e canta uma música que estima a quantidade de coisas da natureza. Ao voltar para casa, Sid brinca de estimar a quantidade de coisas, das almôndegas servidas no almoço às estrelas no céu.</p>
07 de abril	<p>No episódio, Sid quer saber como medir uma baleia com sua régua. No café da manhã, ele fala sobre a regra e o pai explica que ela mede em centímetros. A mãe vai até o computador e mostra os vários tipos de régua, com diferentes tamanhos.</p> <p>Na escola, Sid pergunta aos amigos o que eles gostariam de medir com</p>

	<p>uma régua. Ele fala para a professora sobre o objeto e ela diz que é um dos instrumentos científicos preferidos dela. As crianças querem saber se é possível medir coisas grandes com a régua e a professora os leva até o laboratório. Já que não tem uma trena nem uma régua maior, ela mostra que é possível medir a sala de aula com outras coisas, como o próprio corpo de uma das crianças. Ela explica que isso se chama unidade de medida não padronizada e pede que eles desenhem o tamanho da sala de aula, de acordo com a medida de Geraldo. As crianças saem para brincar de medir as coisas.</p> <p>A professora explica que, para medir uma baleia, os cientistas usam grande régua. Sid, ao voltar para casa, diz que aprendeu a medir com precisão mesmo sem ter uma régua e brinca de medir as coisas do seu quarto.</p>
08 de abril	<p>O episódio resume tudo o que aprenderam na semana. Sid quer saber o que é melhor para explorar o mundo: lupa, régua, pote de estimativa ou tabela. Na escola, ele pergunta aos amigos e à professora qual instrumento científico é melhor e eles começam observando pela lupa. A professora pede que eles desenhem como as coisas ficam maiores com a lupa e mostra a importância da ferramenta. As crianças se lembram do pote de estimativa e eles observam bem os objetos e a professora relembra como fazer estimativas da quantidade de coisas. Sid fala também da régua, eles lembram que usaram o amigo Geraldo para medir o tamanho da sala de aula e a professora explica sobre a unidade de medida não padronizada. Por fim, eles falam da tabela, que ajuda a lembrar das coisas. A professora diz que adora as tabelas porque ajudam a checar as informações. Todos dizem que gostaram de rever o que anotaram no caderno e a professora diz que também é uma excelente ferramenta científica. Já em casa, Sid percebe que todos os instrumentos são incríveis e pensa em usá-los para descobrir várias coisas.</p>

C) Lazytown

O desenho, exibido em mais de 100 países, tem como objetivo incentivar as crianças quanto à prática de esportes, alimentação saudável e uma rotina mais ativa. A brincadeira ao ar livre no lugar de videogames, por exemplo, é uma das estratégias para incentivar o hábito de um estilo de vida mais saudável. A atração também mostra que, apesar da influência negativa de algumas pessoas ou fatos, é possível reverter as situações por meio de atitudes corretas.

As músicas, as falas e os movimentos são utilizados para atrair as crianças de forma descontraída. A aprendizagem ocorre por meio do entretenimento. O meio escolhido para motivar as crianças está nos personagens e nas histórias que estimulam a boa convivência e o equilíbrio nas brincadeiras e aventuras.

Data	Descrição
04 de abril	No episódio "rápidos como foguete", o prefeito da cidade coloca anúncios sobre a corrida de Lazytown, onde os carros devem ser construídos de forma própria e sem motor. Todos se preparam para competir, mas Robbie trapaceia, jogando alimentos nos competidores e utilizando um motor turbo. A ideia do personagem não dá certo e ele causa um acidente, mas Sportacus o salva. A equipe "Lazyfoguete" ganha a corrida e mostra que é possível vencer sem trapacear.
05 de abril	Em "o pequeno Sportacus", o vilão Robbie observa Sportacus ajudando os amigos e fica com inveja. Robbie monta um aparelho que reduz o tamanho das coisas e planeja para transformar Sportacus em uma criança. Apesar de conseguir que ele seja um menino de 10 anos, a personagem Sthefanie reconhece Sportacus e, com a ajuda dos outros amigos, descobre a armadilha e desfaz o plano de Robbie. Eles descobrem que nunca é tarde para aprender e juntos conseguem vencer os desafios.
	No episódio, "o gênio preguiçoso", os personagens desejam que aconteça algo e, após ver que deu certo com uma das crianças, o invejoso Robbie acredita que os desejos se transformam em realidade.

06 de abril	<p>Sthefanie diz que não se pode fazer desejos por qualquer coisa, é preciso trabalhar para que eles se realizem. Robbie tenta, sem sucesso, fazer seus desejos se tornarem realidade, mas tem a ideia de conseguir um gênio para realizar seus pedidos. O gênio faz desaparecer todas as frutas e verduras da cidade, os equipamentos esportivos e Stingy pensa que foi ele e sente-se culpado. No entanto, o gênio fez o pedido só para o momento e tudo volta a aparecer. Assim, Stingy acredita que ele tem o poder de desejar as coisas. Robbie pede que desapareça com Sportacus, mas o gênio acaba desaparecendo com o próprio Robbie, que deixa cair a lâmpada, mas Sportacus a salva. O gênio, então, dá a oportunidade dos amigos fazerem um desejo e eles pedem que o vilão volte, pois a cidade não é a mesma sem ele.</p>
07 de abril	<p>No episódio “a televisão de Pixel”, os amigos resolvem apresentar programas em uma emissora de televisão. O vilão Robbie assiste ao programa e pensa em um plano para ter o próprio programa e acabar com o outro. Robbie se disfarça de apresentador, convidado e cozinheiro para atrapalhar a atração. Fantasiado de gorila, Robbie ainda tenta quebrar a antena de televisão, mas Sportacus consegue salvá-lo de uma queda. Todos descobrem que era Robbie quem queria acabar com os programas. Pixel, o editor da televisão, tem uma ideia e cria novas programações.</p>
08 de abril	<p>Em “livro da energia”, os amigos querem ser igual ao herói Sportacus, mas Sthefanie alerta que, para isso, além de praticar esportes, eles precisam comer coisas saudáveis. Enquanto isso, o vilão Robbie prepara batatas fritas e observa Ziggy tentando imitar Sportacus. Ziggy e os amigos tentam pegar uma fruta na árvore e Sportacus aparece para ajudá-los. Ele conta que tem um livro que mostra como acumular energias, controlando a quantidade de doces e água que ingerem, o quanto fazem de exercícios, se escovam os dentes, entre outros. No final do dia, eles somam todos os adesivos de energia que tem no livro. Robbie tenta sabotar, fantasiando-se para entregar adesivos de maus hábitos. Sportacus e Sthefanie descobrem que Robbie armou tudo, mas</p>

	dizem que Robbie conseguiu pontos de energia por fazer tudo que os outros fariam para ganhar adesivos. Sportacus explica que todos podem ganhar pontos de energia com coisas saudáveis.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

D) Meu Amigãozão

A série, lançada em 2009, traz a reflexão, por meio da brincadeira e imaginação, da necessidade da criança em conhecer situações que envolvam a cultura e o convívio social. O foco da atração está no fato da maioria das crianças terem amigos imaginários.

Conforme a psicóloga Ana Rita Monteiro, cerca de 65% das crianças em fase pré-escolar possuem amigos invisíveis, criados a partir da imaginação. Dessa forma, a atração busca retratar esse público e destacar o uso da criatividade e do imaginário infantil nos personagens.

Cada personagem principal do desenho (Yuri, Lili e Matt) possui seus amigos imaginários: o elefante azul Golias, a girafa rosa Nessa e o canguru verde Bongo. Todos têm o objetivo de mostrar que é possível superar medos e desafios.

Data	Descrição
04 de abril	No episódio “espinafrada”, Matt joga futebol com seu amigo imaginário, o canguru Bongo. No jantar, Matt não quer experimentar espinafre. No mundo de imaginação, Matt se vê em uma selva de espinafres com Bongo, onde só conseguem sair se comerem todo o espinafre. De volta à realidade, Matt percebe que comeu tudo e volta a jogar bola. Em “cara de palhaço”, a mãe de Lili maqueia a filha de palhaça e ela sai para brincar com a amiga, a girafa Nessa. Elas se encontram com os amigos para brincarem de pintar o rosto. Lili empresta os lápis de cor para os amigos brincarem, mas não gosta de ver que eles os destruíram. Lili os desculpa depois de ver que eles criaram um circo e todos brincam.
	Yuri tenta empinar a sua pipa por conta própria, sem aceitar ajuda ou

05 de abril	<p>sugestão de ninguém. Ele, então, resolve brincar de avião sem deixar, novamente, que o amigo imaginário Golias mexa em algum equipamento. No entanto, ao tentar pousar o avião, Yuri assume que precisa da ajuda dos amigos e sugere que todos brinquem com a pipa.</p> <p>Em “espiãs do bem”, Lili se prepara para uma apresentação de dança. No ensaio, ela e a “amiga” Nessa quebram um vaso de flores da mãe de Lili. Elas tentam colar o pedaço quebrado com um adesivo, mas a ideia não dá certo. Na imaginação, Lili e Nessa resolvem invadir um museu para substituir o vaso. De volta à realidade, Lili percebe que, para ser espiã do bem, precisa contar a verdade e fala para o pai sobre o vaso.</p>
06 de abril	<p>No episódio “o melhor da praia”, os amigos disputam quem é o melhor nas brincadeiras, como cavar buraco e desenhar na areia. Matt, que estava sendo o melhor, não vai bem em jogar pedrinhas no mar. Ele inventa outra brincadeira e percebe que não é preciso ser o melhor para se divertir.</p> <p>Em “longe de casa”, Lili descobre que irá se mudar, com os pais e irmãos, para longe. Triste, ela diz que precisa aprender a brincar sozinha e se esconde em uma ilha deserta. A girafa Nessa, amiga imaginária de Lili, conta para os amigos e eles vão atrás dela. Lili sente a falta de Nessa, mas encontra uma baleia para brincar com ela. Os amigos conseguem tirar Lili da ilha. Eles se despedem dela, mas dizem que serão sempre amigos. Quando a mãe de Lili chega para buscá-la, ela descobre que irá apenas passar o final de semana na casa da sua avó e todos comemoram.</p>
07 de abril	<p>No episódio “um desenho só meu”, Matt, Lili e Yuri levam um quadro para apresentar. Yuri fica com medo de apresentar seu quadro para a turma, diz que não sabe o que falar e pergunta se pode apenas mostrar o desenho. Eles brincam de pique-esconde e Yuri explica que pintou tudo de azul para que o elefante Golias, seu amigo imaginário, possa se esconder. Ele continua explicando o seu desenho, justificando cada detalhe em homenagem ao seu amigo. Quando percebe, Yuri já tinha apresentado seu quadro para toda a turma, superando o medo.</p>

	<p>No segundo episódio, as crianças se preparam para a festa à fantasia de Lili, que se veste de princesa. Ela e Nessa desejam encontrar um príncipe na festa, mas Lili se incomoda com seus óculos e desce sem usá-los. No entanto, Lili não consegue enxergar direito os príncipes para ver com quem dançará e escolhe a mesa de bolos, achando que seria um deles. Lili se desequilibra, percebe que precisa dos óculos para ver melhor e não deve ser diferente do que é para conseguir alguma coisa.</p>
08 de abril	<p>Em “contando em blungablum”, a professora pergunta se eles sabem contar em inglês. Todos contam, mas Yuri não consegue. No intervalo, Yuri diz para Golias, seu amigo imaginário, que falar em inglês é chato. Ele pergunta qual o motivo de ter que contar de forma diferente. Matt, Bongo, Lili e Nessa querem brincar de esconde-esconde, mas Yuri não quer falar em outro idioma. Eles então inventam a brincadeira de falar em “blungablum”, língua criada por eles mesmos. O elefante Golias ganha a brincadeira e, quando eles voltam para a sala de aula, Yuri aprende a contar em inglês.</p> <p>No segundo episódio, Matt brinca de bola com o canguru Bongo e sua mãe o chama para ir cortar o cabelo. Matt e Bongo fingem que são “homens das cavernas”, deixando o cabelo crescer. No entanto, Bongo fica prende o cabelo em uma árvore e Matt precisa cortar seu cabelo. O menino também não gosta de ficar com o cabelo comprido. De volta à realidade, Matt corre ao encontro da mãe quando ela diz que está na hora de ir para o barbeiro.</p>

4.2 Observação de crianças

A) Thiago – Três anos.

Bem ativo e comunicador, o menino imita tudo que o irmão faz e fala. Thiago gosta de assistir os desenhos do canal Discovery Kids e diz que os seus preferidos são *Sid, o cientista; Angelina Bailarina; George, o curioso; Noddy no país dos brinquedos*. Durante os intervalos, ele presta atenção no seriado “*O esconderijo*”

secreto” e copia a fala dos personagens, como “vamos lá”, antes de começar uma nova aventura. O menino corre pela sala de casa, imitando os personagens que saem para desvendar um novo mistério.

Ao assistir o desenho *Sid, o cientista*, Thiago repete, várias vezes durante o episódio, o nome do que está passando. Ele imita quando os personagens cantam as músicas e conta o que eles estão descobrindo em cada brincadeira. Thiago ri do que os bonecos falam e, ao assistir o episódio em que os personagens vão para um parque de diversões, ele observa que os brinquedos são voltados para pessoas maiores e não pode ir porque ainda é pequeno. O menino diz que no parque de diversões tem muitos brinquedos e que já foi em um deles. No final, quando os personagens saem para brincar, Thiago comenta que eles vão “brincar com as ideias”, ou seja, sobre tudo o que aprenderam na escola.

Durante o desenho *Lazytown*, o menino pega sua guitarra de brinquedo para tocar as músicas que passam e tenta imitar, cantando igual aos bonecos. Ele copia as falas e os passos de cada personagem, tenta dar cambalhotas e fazer malabarismos com objetos.

B) Cauã – Quatro anos.

Filho único, o menino adora assistir desenhos. Observador, Cauã repara todos os detalhes dos personagens e conta tudo sobre o que acontece em cada episódio.

Em relação ao desenho *Word World*, ele fala que é um dos seus preferidos. Diz que gosta mais dos personagens Duck e Dog. “Eu gosto deles porque o cachorrinho brinca e o pato também. E eu só gosto de animal pequeno”. Cauã observa que o cachorro gosta de doce, porque a casa dele é feita de doces, e que a casa formada pela palavra “Farm” é a do Pig, o porquinho do desenho.

O menino vê a bola sendo formada pelas letras B, A, L e L, em inglês, e repete, da mesma forma que o narrador fala. Ele fica com pena do cachorro, porque ele só acha a letra B e ninguém entende que ele quer as outras letras para formar uma bola. No final, Cauã diz que gostou do desenho, porque o cachorrinho conseguiu a bola e não brincou sozinho. Ele se lembra do dia em que assistiu o episódio em que os personagens viram um tubarão que não tinha amigos, mas todos se tornaram amigos dele.

Sobre o desenho *Sid, o cientista*, Cauã comenta que não gosta muito. “Quando eu tinha três anos eu adorava, mas agora eu enjoiei um pouco”. A criança diz que o desenho tem quatro amigos e que a personagem Gabriela, às vezes, vai para a casa do Sid brincar com ele.

Cauã vê o episódio do aniversário do personagem principal. Sid quer saber por que não pode comer bolo todos os dias. A personagem Mei diz que não gosta muito de bolos, mas adora queijo grelhado. O menino diz que os ratos também gostam de queijo. No final, ele comenta que temos que comer um pouco de cada coisa e diz que come banana e feijão para ficar forte.

Ao assistir o desenho *Lazytown*, Cauã começa a imitar o personagem Sportacus, que faz coreografias. Ele diz que Robbie é do mal, que não gosta de frutas e quer acabar com todas da cidade, mas o Sportacus não deixa.

Sobre o desenho *Meu Amigãozão*, o menino diz que adora e conta que os seus preferidos são o elefante Golias, o canguru Bongo e o garoto Yuri. Ele compara o seu cabelo com o do Yuri, mas observa que não tem um fio arrepiado no meio da cabeça como o personagem. Cauã canta a música de abertura, imita a risada dos personagens e diz que a menina Lili tem medo de altura.

C) Paulo Henrique – Cinco anos.

Paulo Henrique prefere assistir os desenhos do canal Cartoon Network, mas ainda vê alguns do canal Discovery Kids para acompanhar o irmão, de três anos. Mais tímido, o menino se solta quando a brincadeira é mais ativa, que requer movimentos corporais. Durante os desenhos, ele inventa alguma brincadeira e utiliza a linguagem falada nos programas para representar algum personagem.

Ao assistir o desenho *Sid, o cientista*, Paulo Henrique observa que os personagens brincam em um parque de diversões e comenta que adora brincar no escorregador do Nicolândia, parque de Brasília. No final do desenho, ele observa que Sid, o personagem principal, já está de pijama, sinal de que o episódio está chegando ao fim. Quando o boneco brinca de montar uma “máquina de cheirar”, o menino diz que não é de verdade: “o Sid está só imaginando como seria”.

Sobre o desenho *Lazytown*, Paulo Henrique comenta que Robbie é o vilão e ele se veste de monstro para assustar as pessoas da cidade. Em relação ao personagem Sportacus, ele diz que é o herói que “só faz coisas legais para ajudar

os amigos”. O menino comenta que também gosta de ajudar seus coleguinhas da escola.

Ao descer para brincar com as demais crianças do seu prédio, Paulo Henrique diz que estava assistindo desenho e conta, com a ajuda do irmão mais novo, sobre o que passou nos episódios.

4.3 Entrevistas com mães

No período de 12 a 15 de abril de 2011, foram realizadas entrevistas com quatro mães de crianças na faixa etária de três a sete anos. Com o objetivo de observar a forma como percebem a influência da mídia na educação infantil, as mães foram questionadas acerca dos desenhos preferidos dos filhos, do canal Discovery Kids e da programação televisiva em geral.

A estudante Caroline Nascimento é mãe de Cauã, uma das crianças observadas para a pesquisa. Caroline diz que o seu filho, que está no primeiro período escolar, está em contato com a televisão todos os dias, porém ela procura direcionar o que pode ser visto e mostra o que é certo ou errado. Segundo ela, “a imagem passada na televisão atrai a atenção das crianças e elas tendem a copiar o que assiste, tanto de forma positiva quanto negativa”.

Assim como Caroline, a servidora pública Danielle Moura, mãe de duas crianças, um menino de dez anos e uma menina de sete anos, acredita que, na televisão, faltam programas com matérias mais educativas. De acordo com ela, as atrações devem trazer novos ensinamentos, “sem subestimar a inteligência das crianças ou tratá-las como pequenos adultos”.

Em relação à forma como a criança demonstra seguir o que transmitido pela mídia, Renata Abdala, também servidora pública e mãe de duas crianças, um menino de seis anos e uma menina de nove meses, comenta sobre as propagandas veiculadas nos intervalos dos desenhos. Segundo ela, o estímulo ao consumo muitas vezes se torna excessivo para o público infantil. No entanto, Renata diz, também, que o seu filho utiliza-se do que assiste nas brincadeiras. “Ele representa histórias e personagens que ele conhece por meio dos desenhos”.

Assim como Renata, a jornalista Indiara Oliveira, mãe de dois dos meninos observados, Paulo Henrique, de cinco anos, e Thiago, de três anos, afirma que a

mídia influencia, mas acredita que não de maneira definitiva. “As crianças repetem alguns modelos do pai, da mãe, das pessoas próximas e também da mídia. Costumo observar, de maneira mais clara, no vocabulário, nas brincadeiras e também no comportamento de consumo dos meus filhos”, diz.

Também citado nas entrevistas, o canal Discovery Kids foi considerado, por unanimidade entre as mães, como o melhor em relação à aprendizagem infantil. Para Renata, “os desenhos do Discovery Kids possuem um formato interessante, que estimulam, por exemplo, a higiene, a independência das crianças e o cuidado com a natureza”.

Caroline, em consonância com Renata, comenta que as crianças possuem atitudes semelhantes às dos personagens que mais se identificam e, no caso do canal Discovery Kids, os desenhos ensinam novas palavras, formas de agir e como ter hábitos saudáveis. “Tento fazer com que o meu filho prefira a programação desse canal, ao invés dos outros que, muitas vezes, trazem exemplos de maus comportamentos”, diz.

Com filhos de idades distintas, Indiara também tenta priorizar o canal Discovery Kids, mas diz que alguns desenhos não atraem mais o filho mais velho. “Observo, por exemplo, que os desenhos do Discovery Kids são bem mais educativos, mas não prendem tanto a atenção do Paulo Henrique, que prefere os desenhos mais movimentados”, afirma.

Apesar de concordar com Renata, Caroline e Indiara na preferência pelo canal Discovery Kids, Danielle acredita que a televisão fixa as crianças. “Antes da TV, elas precisam se divertir, interagir e inventar suas próprias brincadeiras”. Ela comenta que as crianças acabam se atendo aos programas televisivos, o que pode atrapalhar no desenvolvimento da criatividade própria.

Acerca dos desenhos analisados, Caroline e Indiara conhecem todos e afirmam que são recomendáveis, por acrescentar no desenvolvimento da criança. “Meus filhos gostam de todos. O *Word World* atrai pelas palavras em inglês, inclusive repetem em casa. Quando assistem *Lazytown* eles vibram com as aventuras”, diz Indiara. Caroline acrescenta sobre os demais desenhos: “No *Sid, o cientista*, as crianças são estimuladas a descobrir novos objetos científicos e, em *Meu Amigãozão*, as crianças desenvolvem a criatividade durante as brincadeiras”.

Renata concorda sobre os desenhos *Word World* e *Sid, o cientista*. Segundo ela, o primeiro é bem educativo, apresentando vocabulário e pronúncia adequados

para a faixa etária do seu filho. No entanto, devido ao horário (o desenho é transmitido de segunda a sexta-feira, às 8h30), eles não podem assistir com frequência, visto que o filho estuda no período da manhã e ela está no trabalho.

Com filhos mais velhos do que os de Renata e Caroline, Danielle comenta sobre o desenho *Lazytown*. Ela afirma ser interessante, mas alerta quanto à divisão entre o bem e o mal, o certo e o errado. “É necessário incentivar, desde novos, a união e fazer com que as crianças tenham consciência do que está acontecendo”.

4.4 Síntese da análise

Com base na análise dos desenhos *Word World*; *Sid, o Cientista*; *Lazytown*; *Meu Amigãozão*, nas observações realizadas com Thiago (três anos), Cauã (quatro anos) e Paulo Henrique (cinco anos) e nas entrevistas com quatro mães de crianças com idades entre três e sete anos, além da pesquisa bibliográfica, foi possível verificar que a televisão é uma das maiores influências para o público infantil. A linguagem e as atitudes de cada personagem dos desenhos são memorizadas e, em determinado momento, repetidas pelas crianças.

As mães entrevistadas foram unânimes em considerar que o que mais falta na televisão são programas educativos, com faixa etária adequada para o público infantil. Elas destacaram o fato de haver muita violência e incentivo ao consumo nas programações e publicidades dos canais, o que influencia as crianças a terem atitudes não condizentes com a idade delas.

O canal Discovery Kids, comparado com outros canais voltados ao público infanto-juvenil, foi considerado a melhor opção para as crianças que assistem televisão. Os desenhos do canal foram priorizados no que se refere à influência no desenvolvimento e aprendizagem infantil, visto que a programação faz com que as crianças sejam direcionadas a conteúdos menos violentos e mais educativos.

Conforme análise, observação das crianças e entrevistas com as mães, o desenho *Word World* atrai pela forma como utiliza a linguagem. O ensino de uma segunda língua, a inglesa, é fator de destaque no programa. As crianças repetem as palavras em inglês mesmo quando não assistem o desenho, mas se deparam com o objeto ou animal ensinado na atração. As atitudes dos personagens também são

evidenciadas pelas crianças que notam quando um deles é mais carinhoso ou desastrado, por exemplo.

Em relação ao *Sid, o cientista*, as crianças demonstram interesse pelas novas descobertas dos personagens. Por ter conteúdos parecidos durante os episódios de uma mesma semana, as crianças costumam assimilar o que foi passado em cada atração. A curiosidade é posta em destaque, de modo que as crianças queiram saber o significado de certos objetos.

Sobre *Lazytown*, as mães destacaram o fato de atrair pela busca por novas aventuras. Os personagens são ativos. Correm, brincam, descobrem novas coisas. O incentivo por hábitos saudáveis, como alimentação e prática de esportes, e o foco no bom e mau também são ressaltados pelas mães. Elas acreditam que as crianças precisam ter consciência do que é certo e errado.

O desenho *Meu Amigãozão*, foi observado que o foco na criatividade infantil em ter um amigo imaginário pode auxiliar no desenvolvimento das crianças, principalmente aquelas mais retraídas. As inseguranças dos personagens, como medo de altura e timidez em se apresentar em público, são identificadas pelas crianças. Com as formas como os personagens conseguem superar seus receios, as crianças percebem que não devem desistir fácil do que querem aprender.

Dessa forma, com base nas quatro fontes de pesquisa (referências bibliográficas, análise dos desenhos, observação das crianças e entrevista com mães), foi possível verificar que o desenvolvimento das crianças, está relacionado, dentre outros fatores influentes, como a escola, família e meio social, ao que ela assiste na televisão. Os personagens que mais se identificam são refletidos, de alguma forma, na linguagem e atitudes demonstradas.

5. CONCLUSÃO

Mesmo com os avanços tecnológicos e o surgimento de novas mídias, a mídia televisiva ainda é a que mais atrai as pessoas. O alcance da televisão, devido ao fácil acessibilidade por todas as culturas, classes sociais e idades, faz com que ela tenha grande influência na construção de ideias e conceitos seguidos pela sociedade.

O trabalho, devido à importância e às consequências da televisão no cotidiano das pessoas, teve como objetivo verificar a forma como o meio de comunicação influencia no desenvolvimento psicológico e social de crianças em fase pré-escolar (três a sete anos). Para isso, foram analisados quatro desenhos do canal infantil Discovery Kids (*Word World; Sid, o cientista; Lazytown; Meu Amigãozão*), além de observações com três crianças de faixas etárias distintas (três, quatro e cinco anos) e entrevistas com quatro mães de crianças em fase pré-escolar.

Ao analisar a programação do canal Discovery Kids e observar as crianças, foi possível perceber que, por mais simples que sejam, os desenhos transmitem informações que atraem a atenção do público infantil. A identificação com a linguagem e as ações dos personagens faz com que a criança as grave na memória e, provavelmente, repita-as em determinadas situações.

Nesse contexto, com base nas entrevistas realizadas com mães de crianças com faixa etária de três a sete anos e na nítida influência dos programas para o público infantil, coube ressaltar a relevância de haver conteúdos mais educativos. A programação televisiva, principalmente dos canais direcionados ao público infantil, precisa se aliar à educação, de forma que auxilie no desenvolvimento da criança.

A televisão, portanto, junto com a escola, a família e o meio social, tornou-se fonte de aprendizado e influência para as crianças, que tendem a repetir o que presenciam. Nesse sentido, com base nas pesquisas realizadas, os educadores, pais e responsáveis devem contextualizar o que é visto, de modo que a criança não seja atraída por programações que não sejam voltadas para a faixa etária adequada.

6. REFERÊNCIAS

ARNALDO, Carlos A. **Meios de Comunicação: A Favor ou Contra a Educação?** In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.

BACCEGA, Maria A. **Comunicação/ Educação: aproximações**. In: BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

BEZERRA, Wagner. **Manual do telespectador insatisfeito**. São Paulo: Summus, 1999.

BEZERRA, Wagner. **O que esperar da TV brasileira**. Disponível no site <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos.asp?cod=409TVQ001>. Acesso em: 15/03/11.

BRASIL. Constituição (1988). Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 15/03/11.

BRASIL. Lei n.º 8.977, de 6 de janeiro de 1995. Dispõe sobre o serviço de TV a cabo e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8977.htm>. Acesso em: 22/03/11.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm. Acesso em: 14/03/11.

BUCCI, Eugênio. **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1997.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 1999.

CARMONA, Beth. **A participação da criança na televisão brasileira.** In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.) **A criança e a mídia: imagem, educação, participação.** São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.

CASTRO, Daniel. **Discovery Kids é o segundo canal mais visto por adultos.** Disponível em: <http://noticias.r7.com/blogs/daniel-castro/2011/01/30/discovery-kids-e-o-segundo-canal-mais-visto-por-adultos/>. Acesso em: 11/03/11.

DISCOVERY Kids Brasil. Disponível em: www.discoverykidsbrasil.com. Acesso em: 05/03/11.

DUARTE, Luiz G. **É pagar para ver: a TV por assinatura em foco.** São Paulo: Summus, 1996.

ELIAS, Eduardo. **Quem cria infantis evita a TV.** In: JUNIOR, Luiz C. P. (org.). **A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano.** São Paulo: Senac, 2002.

FUSARI, Maria F. R. **O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão.** São Paulo: Loyola, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

GÓMEZ, Guillermo O. **O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva.** São Paulo: Comunicare, 2005.

HILTY, Eleanor B. **De Vila Sésamo a Barney e seus amigos: a televisão como professora.** In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância.** Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LEITE, Márcia. **TV e realidade: Produção social e apropriação pedagógica.** In: PACHECO, Elza D. (orgs.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação: dilemas e diálogos.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1998.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério.** São Paulo: Senac, 2000.

MONTEIRO, Ana Rita. **O amigo imaginário.** Disponível em: <http://sociedadepediatrica.blogspot.com/2010/04/o-amigo-imaginario.html>. Acesso em: 04/04/11.

NUNES, Vera. **Pra gente grande entender melhor a criança.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

PACHECO, Elza D. **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. São Paulo: Papyrus, 1998.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PERUZZO, Cicília K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ROSENBERG, Bia. **A TV que seu filho vê: como usar a televisão no desenvolvimento da criança**. São Paulo: Panda Books, 2008.

TÁVOLA, Arthur. **TV, Criança e Imaginário**. In: PACHECO, Elza D. (org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação: dilemas e diálogos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

TV por assinatura. Disponível em: www.tvporassinatura.org.br. Acesso em: 22/03/11.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ENTREVISTA COM A ESTUDANTE CAROLINE NASCIMENTO

- Quantos filhos você tem? Qual a idade deles? Em que série estão na escola?

Tenho um filho de quatro anos, que está no primeiro período escolar, antigo jardim um.

- Ele costuma assistir televisão com qual frequência? Você orienta na seleção dos programas que podem ser vistos?

Ele gosta de assistir desenhos todos os dias. Quando estou em casa, procuro acompanhar o que ele está vendo e mostro o que é certo e errado.

- Você acredita que a mídia influencia no desenvolvimento da criança? De que forma?

Sim. A imagem passada na televisão atrai a atenção das crianças e elas tendem a copiar o que assistem, tanto de forma positiva quanto negativa.

- O que você acha que falta na televisão ou nos programas infantis para influenciar, positivamente, na educação das crianças?

Desenhos com mensagens educativas, como alertar sobre as consequências do comportamento dos personagens, para que as crianças possam assimilar o que é certo ou errado. Os desenhos do Pica-Pau, por exemplo, ensinam a trapacear para se dar bem. Meu filho já sabe que o personagem se comporta erroneamente.

- O canal Discovery Kids é voltado para crianças em fase pré-escolar (3 a 7 anos). O que acha da programação do canal? Os desenhos influenciam de forma positiva ou negativa no desenvolvimento e nas atitudes das crianças?

O Discovery Kids traz uma programação voltada para a aprendizagem infantil e isso faz com que as crianças tenham atitudes semelhantes as dos personagens que mais se identificam. Os desenhos ensinam novas palavras, algumas formas de agir em determinadas situações e como ter uma rotina saudável, fazendo atividades e se alimentando de forma adequada. Tento fazer com que o meu filho continue

assistindo à programação desse canal, ao invés dos outros que, muitas vezes, trazem exemplos de maus comportamentos.

- Quais desenhos seu filho gosta de assistir?

Do canal Discovery Kids meu filho gosta de vários desenhos, dentre eles: Word World; Lazytown; George, o curioso; Backyardigans; Meu Amigãozão; Martha Fala; Milly e Molly.

- O que você acha dos desenhos Word World; Sid, o cientista; Lazytown; Meu Amigãozão?

Todos esses são recomendáveis, pois acrescenta muito no desenvolvimento da criança. O Word World ensina o alfabeto, utilizando as letras para formar as palavras que se transformam no objeto desejado. O desenho apresenta outra língua, por meio das palavras que são formadas em inglês. No Sid, o cientista, as crianças são estimuladas a descobrir novos objetos científicos. Em Lazytown, o personagem principal incentiva a ter bons hábitos e, no desenho Meu Amigãozão, as crianças desenvolvem a criatividade durante as brincadeiras.

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM A SERVIDORA PÚBLICA DANIELLE MOURA

- Quantos filhos você tem? Qual a idade deles? Em que série estão na escola?

Tenho dois filhos, uma menina de sete anos, que está no 2º ano, e um menino de dez, que está no 6º ano.

- Eles costumam assistir televisão com qual frequência? Você orienta na seleção dos programas que podem ser vistos?

O meu filho assiste muito pouco. Já a menina adora TV, preciso limitar o tempo todo. Ela assiste, mais ou menos, umas duas horas por dia, o que acho muito tempo. Não deixo que assistam novelas e programas para adolescentes ou adultos.

- Você acredita que a mídia influencia no desenvolvimento da criança? De que forma?

Acredito. Além dos vários comerciais voltados para as crianças, com incentivo ao consumo, os programas de hoje, em sua maioria, não são nem um pouco

educativos. Ao contrário, incentivam brigas, maneiras desrespeitosas de tratar o próximo e estimulam a sexualidade precoce.

- O que você acha que falta na televisão ou nos programas infantis para influenciar, positivamente, na educação das crianças?

Faltam matérias educativas, programas que verdadeiramente ensinem, sem subestimar a inteligência das crianças ou tratá-las como pequenos adultos.

- O canal Discovery Kids é voltado para crianças em fase pré-escolar (3 a 7 anos). O que acha da programação do canal? Os desenhos influenciam de forma positiva ou negativa no desenvolvimento e nas atitudes das crianças?

Dos canais infantis, é o melhor. De toda forma, a televisão fixa a criança, sem que ela interaja com o que está sendo passado. Penso que as crianças ficam presas e que eles atrapalham a criatividade das crianças. Antes da televisão, elas precisam se divertir, interagir com outras crianças e inventar suas próprias brincadeiras.

- Quais tipos de programas seus filhos gostam de assistir?

O menino não gosta muito de desenhos. Ele prefere jogos esportivos, assiste shows e gosta de noticiários, apesar de eu ainda tentar limitá-los. Já a menina ainda assiste alguns, mas não gosta mais do Discovery Kids. Já a vi assistindo *Carly* e fiquei horrorizada com o programa. Quando estou por perto, tento orientá-la, afinal, todas as amiguinhas comentam sobre esses programas.

- Você conhece ou seus filhos assistem os desenhos Word World; Sid, o cientista; Lazytown; Meu Amigãozão? O que acham de cada um deles?

Conheço o Lazytown. É interessante, mas continua com a divisão entre o bem e o mal, entre o certo e o errado. É necessário incentivar, desde novos, a união e fazer com que as crianças tenham consciência do que está acontecendo.

APÊNDICE C – ENTREVISTA COM A JORNALISTA INDIARA OLIVEIRA

- Quantos filhos você tem? Qual a idade deles? Em que série estão na escola?

Tenho dois filhos. O Paulo Henrique, de cinco anos, está no Infantil II e o Thiago, de três anos, no Maternal II.

- Eles costumam assistir televisão com qual frequência? Você orienta na seleção dos programas que podem ser vistos?

Eles assistem todos os dias e, sempre que possível, procuro orientar quanto a seleção dos programas. Dois canais são os mais vistos por eles: Discovery kids e Cartoon Network. A orientação geral é para que eles assistam somente canais de desenhos, nada de novelas ou telejornais.

- Você acredita que a mídia influencia no desenvolvimento da criança? De que forma?

Sim, mas não de maneira definitiva. As crianças repetem alguns modelos do pai, da mãe, das pessoas próximas e também da mídia. Costumo observar, de maneira mais clara, no vocabulário, nas brincadeiras e também no comportamento de consumo dos meus filhos. Por isso, incentivamos sempre os desenhos mais educativos. Existe um estímulo muito grande em relação ao consumo infantil, com os personagens e brinquedos ditos “da moda”.

- O que você acha que falta na televisão ou nos programas infantis para influenciar, positivamente, na educação das crianças?

Programas mais educativos. Tenho filhos em idades diferentes e observo, por exemplo, que os desenhos do Discovery Kids são bem mais educativos, mas não prendem tanto a atenção do meu filho mais velho, que prefere os desenhos mais movimentados – segundo a sua própria observação. E vejo que os programas do Cartoon não são nada educativos, seguem o modelo da luta do bem contra o mal, a linguagem é mais pesada, assim como as histórias.

- O canal Discovery Kids é voltado para crianças em fase pré-escolar (3 a 7 anos). O que acha da programação do canal? Os desenhos influenciam de forma positiva ou negativa no desenvolvimento e nas atitudes das crianças?

Acho a programação muito boa. No entanto, vejo que apenas o meu filho de três anos se interessa mais pelos desenhos do Discovery. O mais velho, de cinco anos, prefere o Cartoon. Até preferiria que ele assistisse aos programas do Discovery, que julgo mais interessantes. Em meio ao impasse, tentamos negociar e mesclar os programas e desenhos.

- Quais desenhos seus filhos gostam de assistir?

O mais novo, de 3 anos: Lazytown, George, o curioso, Backyardigans, Thomas, Mr. Maker, Meu Amigãozão, Word World. O mais velho, de 5 anos, também gosta de Ben 10, Naruto, Power Ranger.

- Você conhece ou seus filhos assistem os desenhos Word World / Sid, o cientista / Lazytown / Meu Amigãozão? Se sim, o que acham de cada um deles?

Conheço todos. O Word World eles gostam e se interessam pelas palavras em inglês, inclusive repetem em casa. Sid, o cientista eles gostam, mas não assistem frequentemente. Lazytown, gostam e vibram com as aventuras. Meu Amigãozão, o mais novo gosta muito e assiste com frequência.

APÊNDICE D – ENTREVISTA COM A SERVIDORA PÚBLICA RENATA ABDALA

- Quantos filhos você tem? Qual a idade deles? Em que série estão na escola?

Tenho dois filhos, um menino de seis anos e uma menina de nove meses. O menino está no primeiro ano.

- Ele costuma assistir televisão com qual frequência? Você orienta na seleção dos programas que podem ser vistos?

Ele vê todos os dias, desde que não tenha alguma outra atividade, como natação e inglês. Mas ele só se interessa por assistir a televisão se não estiver acompanhado de outra criança. Ele gosta mais dos desenhos do canal Cartoon Network. Os desenhos do Discovery Kids ele não tem mais tanto interesse. Não deixamos que assista novelas e jornais com notícias de violência nem programas com apelo sexual. Se estivermos assistindo algum programa com conteúdos desse tipo e ele estiver junto, mudamos o canal.

- Você acredita que a mídia influencia no desenvolvimento da criança? De que forma?

A preferência do meu filho é por desenhos de luta, mas nem por isso ele é uma criança agressiva. Pelo contrário, é muito carinhoso. Ele também gosta de filmes de qualquer tipo. Acredito que a principal influência nele vem das propagandas

veiculadas nos intervalos dos desenhos, pois sempre pede os brinquedos que são mostrados. Ele também demonstra a influência nas brincadeiras, representando histórias e personagens que ele conhece por meio dos desenhos.

- O que você acha que falta na televisão ou nos programas infantis para influenciar, positivamente, na educação das crianças?

Os desenhos do Discovery Kids possuem um formato interessante, que estimulam, por exemplo, a higiene, a independência das crianças e o cuidado com a natureza. No entanto, os canais deveriam ter menos propagandas estimulando o comércio de produtos relacionados com os desenhos. Acho que a televisão influencia de forma negativa a criança que não convive com os pais e não desenvolve nenhuma outra atividade, passando horas na frente da televisão, sem nenhum estímulo para outras atividades. Mas a luta e a competição eu não vejo problema, desde que os pais orientem sobre quando a brincadeira pode ser assim, qual a intensidade e o cuidado com outras crianças. No meu filho, a influência está sendo até agora equilibrada. O excesso eu vejo apenas no estímulo ao consumo.

- O canal Discovery Kids é voltado para crianças em fase pré-escolar (3 a 7 anos). O que acha da programação do canal? Os desenhos influenciam de forma positiva ou negativa no desenvolvimento e nas atitudes das crianças?

Alguns desenhos influenciam de forma positiva. Há algum tempo o meu filho prefere outro canal com desenhos para crianças maiores, que contenham lutas e disputas. A programação do Discovery Kids é bem interessante, com muitos programas educativos, mas acredito que o canal é voltado para crianças menores e meninas. Os meninos maiores acham o Cartoon Network mais interessante.

- Quais desenhos seu filho gosta de assistir?

Qualquer um do Cartoon Network.

- Você conhece ou seu filho assiste os desenhos Word World / Sid, o cientista / Lazytown / Meu Amigãozão? Se sim, o que acham de cada um deles?

Conheço o Word World. Gosto do programa, mas, às vezes por causa do horário, não assistimos. Acho que é um desenho bem educativo, apresentando um vocabulário e pronúncia adequados para a idade dele. *Sid, o cientista*, eventualmente nós assistimos. Também acho interessante e o meu filho gosta.

ANEXOS

ANEXO A – Artigo 221 da Constituição Federal de 1988

CAPÍTULO V DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

ANEXO B – ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE - Artigos 74, 75 e 76 da Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990.

TÍTULO III

Da Prevenção

CAPÍTULO II

Da Prevenção Especial

SEÇÃO I

Da informação, Cultura, Lazer, Esportes, Diversões e Espetáculos

Art. 74. O poder público, através do órgão competente, regulará as diversões e espetáculos públicos, informando sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada.

Parágrafo único. Os responsáveis pelas diversões e espetáculos públicos deverão afixar, em lugar visível e de fácil acesso, à entrada do local de exibição, informação destacada sobre a natureza do espetáculo e a faixa etária especificada no certificado de classificação.

Art. 75. Toda criança ou adolescente terá acesso às diversões e espetáculos públicos classificados como adequados à sua faixa etária.

Parágrafo único. As crianças menores de dez anos somente poderão ingressar e permanecer nos locais de apresentação ou exibição quando acompanhadas dos pais ou responsável.

Art. 76. As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas.

Parágrafo único. Nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição.

ANEXO C – CARTA SOBRE A TELEVISÃO INFANTIL

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.). A criança e a mídia: imagem, educação, participação. SP: Cortez; Brasília: Unesco, 2002. p. 463.

Carta sobre a televisão infantil

1. As crianças devem ter programas de alta qualidade, feitos especialmente para elas e que não as explorem. Esses programas, além de entreterem, devem permitir que as crianças se desenvolvam física, mental e socialmente ao máximo de seu potencial.
2. As crianças devem ouvir, ver e expressar elas mesmas sua cultura, sua linguagem e suas experiências de vida, através de programas de televisão que afirmem seu senso de identidade pessoal, comunal e nacional.
3. Os programas para crianças devem promover a conscientização e apreço por outras culturas em paralelo com a própria cultura da criança.
4. Os programas para crianças devem ser amplos em termos de gênero e conteúdo, mas não devem incluir cenas gratuitas de violência e sexo.

5. Os programas para crianças devem ser transmitidos em horários regulares nas horas em que as crianças estiverem disponíveis para ver, e/ou devem ser distribuídos através de outras mídias ou tecnologias de fácil acesso.
6. Deve haver disponibilidade de fundos suficientes para que esses programas sejam feitos de acordo com os mais elevados padrões possíveis.
7. Os governos e organizações de produção, distribuição e financiamento devem reconhecer tanto a importância quanto a vulnerabilidade das crianças de um país à televisão, e devem adotar medidas para apoiá-la e protegê-la.